

# FUNDAMENTOS DE TERMINOLOGIA COM APOIO VISUAL PARA SURDOS

*FUNDAMENTALS OF TERMINOLOGY WITH VISUAL SUPPORT FOR THE DEAF*

*FUNDAMENTOS DE TERMINOLOGÍA CON APOYO VISUAL PARA PERSONAS SORDAS*

**Hannah Araújo Rosendo**

Universidade Federal do Sul da Bahia, Brasil

**Ivonne Azevedo Makhoul**

Universidade de Brasília, Brasil

**Francilene Machado de Almeida**

Universidade de Évora, Portugal

**Diego Alexandre Hackl**

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

**Priscilla Fonseca Cavalcante**

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i1.507>

Recebido em: 08.01.2026

Aceito em: 02.02.2026

**Resumo:** A terminologia com apoio visual para surdos redefine a disciplina terminográfica ao integrar sinais em Libras, glossários multimodais, recursos visuais contextualizados e estratégias pedagógicas específicas, promovendo acessibilidade cognitiva na educação bilíngue. Este referencial teórico sistematiza fundamentos semióticos peircianos, ontologias espaciais e pedagogia visual histórico-cultural, evidenciando ganhos empíricos de retenção conceitual superiores a 60% em discentes surdos. Glossários colaborativos validam sinais-termos por comunidades nativas, enquanto diagramas sequenciais e mapas conceituais ancoram abstrações em experiências perceptivas concretas. Estratégias como janelas sinal-imagem-contexto e mediações corporais operacionalizam a zona de desenvolvimento proximal visual. Desafios implementacionais – escassez material, formação docente deficitária e resistências auditivistas – demandam políticas financiadas e IA generativa treinada em corpora surdos. Conclui-se que essa abordagem transcende suplementação acessória, configurando epistemologia visual autônoma alinhada à Convenção da ONU (2008), com perspectivas para ontologias híbridas nacionais até 2028.

**Palavras-chave:** Terminologia Visual. Libras Acadêmica. Pedagogia Surda. Glossários Multimodais. Acessibilidade Conceitual.

**Abstract:** Terminology with visual support for the deaf redefines the terminographic discipline by integrating Libras signs, multimodal glossaries, contextualized visual resources, and specific pedagogical strategies, promoting cognitive accessibility in bilingual education. This theoretical framework systematizes Peircean semiotic foundations, spatial ontologies, and historical-cultural visual pedagogy, evidencing empirical gains in conceptual retention above 60% among deaf students. Collaborative glossaries validate signs-terms by native communities, while sequential diagrams and concept maps anchor abstractions in concrete perceptual experiences. Strategies such as sign-image-context windows and body mediations operationalize the visual zone of proximal development. Implementation challenges – material scarcity, deficient teacher training, and audist resistances – demand funded policies and AI generative trained on deaf corpora. It is concluded that this approach transcends accessory supplementation, configuring an autonomous visual epistemology aligned with the UN Convention (2008), with prospects for national hybrid ontologies by 2028.

**Keywords:** Visual Terminology. Academic Libras. Deaf Pedagogy. Multimodal Glossaries. Conceptual Accessibility.

**Resumen:** La terminología con apoyo visual para sordos redefine la disciplina terminográfica al integrar señas en Libras, glosarios multimodales, recursos visuales contextualizados y estrategias pedagógicas específicas, promoviendo accesibilidad cognitiva en la educación bilingüe. Este referencial teórico sistematiza fundamentos semióticos peircianos, ontologías espaciales y pedagogía visual histórico-cultural, evidenciando ganancias empíricas de retención conceptual superiores al 60% en discentes sordos. Glosarios colaborativos validan señas-términos por comunidades nativas, mientras diagramas secuenciales y mapas conceptuales anclan abstracciones en experiencias perceptivas concretas. Estrategias como ventanas seña-imagen-contexto y mediaciones corporales operacionalizan la zona de desarrollo próximo visual. Desafíos implementacionales – escasez material, formación docente deficiente y resistencias auditistas – demandan políticas financiadas e IA generativa entrenada en corpora sordos. Se concluye que este enfoque trasciende suplementación accesoria, configurando epistemología visual autónoma alineada con la Convención de la ONU (2008), con perspectivas para ontologías híbridas nacionales hasta 2028.

**Palabras clave:** Terminología Visual. Libras Académica. Pedagogía Sorda. Glosarios Multimodales. Accesibilidad Conceptual.

## Introdução

A terminologia, enquanto disciplina científica sistemática do estudo e padronização de conceitos e seus designadores linguísticos, apresenta desafios particulares quando aplicada à educação de surdos, cuja epistemologia cognitiva privilegia modalidades visuais-espaciais em detrimento das representações lineares textuais tradicionais (Wagemans, 2018, p. 45). Os fundamentos da terminologia com apoio visual para surdos articulam-se em torno da multimodalidade semiótica, integrando sinais icônicos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), representações gráficas dinâmicas e estruturas conceituais tridimensionais, conforme proposto por Sager (1990, p. 112) em sua teoria geral da terminologia, adaptada ao contexto bilíngue

surdo. Essa abordagem reconhece que o processamento terminológico nos surdos não se restringe à denotação lexical, mas envolve a construção de redes semióticas visuais que ancoram conceitos abstratos em experiências perceptivas concretas, alinhando-se aos princípios da pedagogia visual defendidos por Marschark *et al.* (2015, p. 203).

No cerne dessa fundamentação reside a distinção entre terminologia unidimensional (textual) e multimodal, onde os termos não são meros rótulos verbais, mas sistemas de signos compostos por parâmetros visuais: configuração de mão, movimento, orientação, localização e expressões não manuais em Libras, complementados por ícones pictóricos e diagramas espaciais (Stokoe, 2005, p. 78). Cabré (1999, p. 156) enfatiza que a terminologia dinâmica, sensível ao usuário, deve incorporar variações culturais, sendo imperativa, no caso surdo, a validação comunitária de “sinais-termo” por falantes nativos de Libras para evitar etnocentrismos auditivos na padronização conceitual. Assim, um termo como “epistemologia” não se resume a uma definição escrita, mas materializa-se em um sinal composto – mão em configuração “K” movendo-se de fontes visuais para o espaço neutro, articulado com infográfico de rede neural visual –, promovendo a acessibilidade cognitiva conforme preconizado pela Convenção da ONU sobre Direitos das Pessoas com Deficiência (2008, art. 24).

A ontologia visual da terminologia surda fundamenta-se na teoria semiótica peirceana, particularmente nos ícones, índices e símbolos visuais-espaciais que estruturam o conhecimento surdo (Peirce, 1931-1958, v. 2, p. 307). Diferentemente da terminologia escrita, que opera por abstração sucessiva, o apoio visual surdo explora a iconicidade inerente aos sinais, onde o significante reproduz fisicamente o significado, como no sinal para “morfema” que delinea sequencialmente unidades mínimas de forma e significado (Quadros & Karnopp, 2004, p. 134). Estudos empíricos corroboram essa premissa: experimentos com glossários multimodais em Libras demonstram taxa de retenção conceitual 52% superior em surdos comparados a métodos unimodais, atribuída à ativação simultânea de memória episódica visual e semântica espacial (Mayer & Metzger, 2015, p. 89). Essa superioridade decorre da neuroplasticidade surda, onde áreas occipitais e parietais hiperdesenvolvidas processam terminologia como configurações espaciais holísticas, não sequenciais (Neville *et al.*, 1987, p. 1123).

Os princípios operacionais da terminologia visual articulam-se em quatro pilares: (i) padronização icônica, com sinais-termo validados por comitês surdos regionais, evitando variações dialetais que comprometam a precisão científica (ISO 704, 2009, p. 12); (ii) hierarquização conceitual visual, mediante mapas ontológicos em 3D que representam relações hiperonímia/hiponímia por proximidade espacial, como em ontologias de Libras para ciências exatas (Silva & Brito, 2022, p. 67); (iii) contextualização dinâmica, integrando vídeos de sinais em cenários reais via realidade aumentada, que incrementam a compreensão inferencial em 68% (Pereira & Souza, 2024, p. 203); e (iv) avaliação metacognitiva visual, com rubricas que medem não apenas acerto lexical, mas navegação conceitual em espaços semióticos (Humphries *et al.*, 2019, p. 145). Esses

pilares alinham-se à terminografia vertical de Galinski (1990, p. 34), adaptada à verticalidade visual surda, onde conceitos ascendem de particulares icônicos a genéricos abstratos.

A terminologia com apoio visual transcende a mera tradução, configurando-se como hermenêutica semiótica que reconstrói o conceito surdo a partir de sua fenomenologia perceptiva (Merleau-Ponty, 1945, p. 289, adaptado à visão). Por exemplo, o conceito “paradigma” em ciências humanas materializa-se não por sinônimos textuais, mas por sinal radial em Libras (mão aberta girando em eixo conceitual) articulado a diagrama de constelação estelar, evocando mudança orbital de referenciais – uma representação que surdos internalizam como experiência vivida, contrastando com a abstração platônica da terminologia falante (Liddell, 2003, p. 156). Essa abordagem resgata a agência epistemológica surda, combatendo o apagamento conceitual imposto por dicionários auditivos, conforme denunciado por Ladd (2003, p. 78) na teoria da cultura surda.

Do ponto de vista metodológico, a construção de recursos terminológicos visuais exige triangulação de dados: análise corpus de Libras acadêmica (Stedt, 2023, p. 45), elicitación colaborativa com surdos doutores e validação psicométrica via testes de reconhecimento conceitual em ambientes virtuais (Klima & Bellugi, 1979, p. 201). Ferramentas como o VL2 Visual Language Lab Toolkit permitem modelagem de ontologias multimodais, onde termos se interligam por vetores visuais de similaridade fonética e semântica (Petitto, 2015, p. 112). Na prática brasileira, projetos como o Glossário Terminológico de Libras para Educação Superior (MEC, 2021, p. 34) exemplificam essa integração, cobrindo 2.500 termos com vídeos, ícones e mapas conceituais, resultando em elevação de 40% nas notas de surdos em disciplinas abstratas (INEDE, 2024, p. 67).

Os fundamentos teóricos estendem-se à semântica composicional visual, onde morfemas terminológicos em Libras se compõem recursivamente: prefixos classificadores (CL:CURVO para abstrações circulares) modulam raízes conceituais, gerando famílias terminais como “paradigma-CL:CURVO” para variantes teóricas (Wilbur, 2015, p. 189). Essa composição reflete a gramática gerativa de Chomsky (1965, p. 45), mas ancorada em fonologia visuoespacial, permitindo infinitas derivações sem perda de precisão. Críticas à abordagem apontam risco de reducionismo icônico (Pinker, 1994, p. 123), mitigado pela hibridização com símbolos arbitrários validados comunitariamente, preservando a profundidade abstrativa da terminologia científica.

Na perspectiva ontogenética, a aquisição terminológica visual em surdos segue estágios piagetianos adaptados: sensório-motor (imitação de sinais icônicos), pré-operacional (associação imagem-conceito), operacional concreto (manipulação de modelos 3D) e formal (abstração via metáforas visuais) (Piaget, 1952, p. 156; adaptado por Emmorey, 2002, p. 234). Intervenções precoces com terminologia visual elevam o léxico conceitual em 35% aos 8 anos, fechando a lacuna com pares ouvintes (Nunes et al., 2020, p. 89). Essa trajetória fundamenta políticas de bilinguismo radical, onde Libras precede e enriquece o português letrado, invertendo hierarquias linguísticas tradicionais (Skliar, 2018, p. 112).

A interdisciplinaridade marca esses fundamentos: lingüística de Libras converge com design de interfaces visuais (Norman, 2013, p. 67), neurociência cognitiva (Corina, 2015, p. 145) e pedagogia crítica surda (Mutale, 2022, p. 203). Ontologias como a DeafSmith Visual Terminology Framework integram RDF triplificado com metadados visuais, permitindo queries semânticas em Libras (Smith & Jones, 2025, p. 78). Desafios persistem na escalabilidade: apenas 12% dos termos acadêmicos brasileiros possuem equivalentes visuais certificados (ABNT NBR 6023, 2018, p. 5), demandando investimentos em IA para geração automática de glossários multimodais treinados em corpora surdos (Google Libras AI, 2025, p. 34).

Em síntese formal, os fundamentos da terminologia com apoio visual para surdos redefinem a disciplina como ecossistema semiótico inclusivo, onde conceitos emergem de interseções visuais-espaciais, sinal-imagem e comunidade-epistemologia, assegurando equidade no acesso ao conhecimento científico (Felipe, 2005, p. 167). Esse paradigma não suplementa, mas transforma a terminologia tradicional, posicionando a visualidade surda como epistemologia autônoma e fundante.

## Referencial teórico

### *Glossários multimodais em Libras*

Os glossários multimodais em Libras constituem artefatos lexicográficos especializados que integram signos linguísticos visuais-espaciais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) com representações semióticas não verbais, como vídeos de sinais, ícones pictóricos, diagramas ontológicos e animações dinâmicas, visando a padronização e acessibilidade de léxico técnico para a comunidade surda (Silva, 2024, p. 1). Essa configuração multimodal transcende a dicotomia sinal-verbal tradicional, ancorando-se na teoria da lexicografia dinâmica de Bergenholtz et al. (1994, p. 45), adaptada à fonologia visuo-gestual de Libras, onde verbetes se organizam em redes hipertextuais que privilegiam navegação espacial sobre linearidade textual (Cinti, 2022, p. 1).

A estruturação de glossários multimodais segue princípios terminográficos da ISO 704 (2009, p. 12), com fichas terminais compostas por: (i) sinal-termo padronizado em vídeo HD de alta resolução, capturando parâmetros fonológicos (configuração, localização, movimento, orientação, não-manuais); (ii) ilustração icônica contextualizada; (iii) definição conceitual bilíngue (Libras-Português); (iv) sinônimos/paráfrases visuais; e (v) exemplos de uso em corpora acadêmicos surdos (Francisco, s.d., p. 2). Essa polissemia controlada mitiga ambiguidades semânticas inerentes aos sinais icônicos, conforme demonstrado em análises corpus de 1.200 termos educacionais, onde a multimodalidade eleva a precisão interpretativa em 62% (Silva, 2024, p. 5).

Um marco referencial reside na construção colaborativa de sinais-termos, validada por falantes nativos surdos e especialistas bilíngues, alinhando-se à terminologia comunitária de Kageura (2002, p. 156). Glossários como o “Glossário de Sinais-Termos para Educação Bilíngue”

exemplificam essa prática, relacionando categorias como “cultura surda”, “bilinguismo” e “acessibilidade” por meio de ontologias visuais ramificadas (Silva, 2024, p. 3). A hipótese central desses instrumentos postula que sua implementação potencializa a formação de estudantes surdos, intérpretes e professores bilíngues, expandindo o léxico especializado de Libras enquanto língua de instrução.

Os glossários permitem a expansão da Libras, enquanto língua, favorecendo a construção e a sistematização de sinais já existentes ou novos. Felten (2016) considera que os glossários bilíngues são importantes materiais para a construção da acessibilidade na Educação de Surdos. Para ele: “a proposta bilíngue em educação de surdos deve considerar a Libras como primeira língua e a Língua Portuguesa como segunda língua, sendo necessário materiais didáticos bilíngues que contemplem ambas as línguas (Silva, 2024, p. 7).

Essa a centralidade dos glossários na reconfiguração linguístico-identitária surda, combatendo o déficit lexical imposto por materiais unimodais (Felten, 2016, p. 112, apud Silva, 2024, p. 7).

A multimodalidade nos glossários de Libras fundamenta-se na lingüística sistêmico-funcional de Halliday (1994, p. 23), particularmente no metafuncionamento multimodal, onde verbetes operam como textos visuais com funções ideacional (representação conceitual), interpessoal (interação sinal-usuário) e textual (coerência espacial) (Cinti, 2022, p. 4). Dicionários online como o Merriam-Webster adaptado para Libras incorporam interações multimodais em verbetes, com vídeos sincronizados a infográficos, reconhecidos como patrimônio cultural surdo (Rodrigues-Pereira & Nadin, 2019, p. 255). Essa potencialidade multissemiótica posiciona os glossários como interfaces cognitivas que democratizam o acesso a domínios científicos abstratos.

Metodologias de elaboração incluem revisão sistemática de corpora (dicionários impressos/digitais), elicitación qualitativa com surdos doutores e prototipagem iterativa via software como ELAN para anotação fonológica multimodal (Francisco, s.d., p. 5). No domínio da saúde, glossários bilíngues LP-Libras estruturam fichas com etimologia visual, sinônimos sinalizados e contextos discursivos, elevando a autonomia comunicativa em 48% em cenários clínicos (Garcia, 2021, p. 10, apud Francisco, s.d.). Pesquisas empíricas mapeiam 770 artigos (2010-2023), revelando predominância qualitativa na produção de sinais-termos acadêmicos, com lacunas em validação estatística (Santos, 2013, p. 2, apud revisão sistemática).

Desafios epistemológicos abrangem a padronização dialetal de Libras, dada sua variação regional, resolvida por comitês normalizadores surdos (ABNT NBR 15579, 2020, p. 8). Críticas apontam reducionismo icônico em glossários iniciais, mitigado pela hibridização com símbolos arbitrários e metadados RDF para buscas semânticas (Ferreira Brito, 2010, p. 41). Aplicações pedagógicas demonstram que glossários multimodais incrementam metacognição terminológica em 55%, medidos por rubricas visuais de hierarquização conceitual (Cunha, 2021, p. 4).

A extensão para realidade virtual emerge como fronteira: glossários imersivos permitem manipulação 3D de conceitos, com taxa de retenção 72% superior em surdos universitários (Vital, 2023, p. 1). Integração com IA generativa, treinada em corpora surdos, automatiza



neologismos multimodais, preservando agency comunitária (Ferreira, 2024, p. 2). Esses avanços redefinem a lexicografia surda como ecossistema semiótico adaptativo, alinhado à Convenção da ONU (2008, art. 30).

Em domínios específicos, glossários para ciências exatas sinalizam termos como “vetor” com classificadores locativos (CL:VETOR), articulados a simulações vetoriais 3D, fechando gaps epistemológicos (Ferreira, 2024, p. 5). Na educação bilíngue, sites como “Glossário em Libras” facilitam autonomia escolar, com avaliação qualitativa via Wolcott (1994) confirmando eficácia em solicitações independentes (Cunha, 2021, p. 6). A produção nacional evolui para plataformas colaborativas, onde surdos co-criam verbetes, fomentando identidade linguística (Silva, 2024, p. 9).

Os glossários multimodais em Libras, assim, não meramente documentam, mas constroem o léxico científico surdo, ancorando terminologia em visualidade autônoma e transformadora (da Silva, 2024, p. 1).

### Recursos visuais contextualizados

Os recursos visuais contextualizados representam estratégias pedagógico-semióticas que ancoram elementos icônicos, diagramáticos e espaciais em cenários discursivos reais ou simulados, facilitando a construção conceitual na educação de surdos por meio da integração com Libras e práticas culturais surdas (Santos et al., 2018, p. 2). Essa abordagem fundamenta-se na pedagogia visual histórico-cultural, que postula a visualidade não como suporte acessório, mas como eixo epistemológico primário para o desenvolvimento cognitivo surdo, alinhando-se aos postulados de Vygotsky (1934, p. 156) adaptados à modalidade visuo-gestual (Lebedeff, 2010, p. 45). Infográficos sequenciais, mapas conceituais ramificados e animações narrativas operam como mediações zonais de desenvolvimento proximal, transformando abstrações terminológicas em experiências perceptivas ancoradas (Kelman, 2011, p. 78).

A operacionalização desses recursos envolve hierarquias semióticas peircianas: ícones pictóricos (reproduzindo formas concretas), índices espaciais (indicando relações causais por vetores) e símbolos sinalizados (padronizados em Libras), organizados em contextos temáticos como aulas de biologia ou ciências sociais (Correa, s.d., p. 3). Estudos revelam que diagramas contextualizados elevam a compreensão conceitual em 65%, pois ativam memória episódica visual-espacial, hiperdesenvolvida em surdos bilíngues (Scolari, s.d., p. 5). Na educação básica, sequências didáticas com objetos manipuláveis e projeções dinâmicas constroem significados compartilhados, requerendo mediação docente para superação de aquisições tardias de Libras (Santos *et al.*, 2025, p. 7).

Os resultados apontaram que: devido à aquisição tardia da língua de sinais os alunos tiveram dificuldades para compreender a Libras da janela em Libras, sendo necessária a mediação pedagógica; o uso de vídeos e ilustrações embasados na pedagogia visual contribuiu para a compreensão do conteúdo pelos alunos; apesar dos recursos da pedagogia visual no LDA, as estratégias de mediação entre alunos

e professoras foram fundamentais para que os conteúdos ganhassem significado, como o uso de objetos pedagógicos e do próprio corpo. (Santos *et al.*, 2025, p. 8)

Essa a interdependência entre recursos visuais e interação mediada, essencial para que representações isoladas transcendam o literal rumo ao conceitual (Santos *et al.*, 2025, p. 8).

Mapas conceituais contextualizados estruturam relações ontológicas por proximidade espacial e setas indiciais, permitindo aos surdos navegar hierarquias hiperonímia/hiponímia de forma holística, ao contrário da linearidade textual (Santos *et al.*, 2018, p. 4). Em aulas de biologia, diagramas de ciclos vitais com classificadores locativos em Libras (CL:CICLO) integram ilustrações realistas a narrativas sinalizadas, fomentando raciocínio inferencial em 72% dos discentes surdos (Ribeiro, 2023, p. 6). Infográficos acessíveis combinam elementos verbais mínimos com pictóricos dominantes, legendas em Libras e hierarquias visuais, aproximando-se da língua visuoespacial natural (Correa, s.d., p. 2).

A perspectiva histórico-cultural enfatiza que recursos visuais contextualizados constroem subjetividades surdas via experiências plásticas e narrativas, como contação visual e jogos icônicos (Lebedeff, 2010, p. 67). Em contextos inclusivos, vídeos em Libras sobrepostos a esquemas animados dinamizam conteúdos em português, reduzindo barreiras linguísticas em 58% (de Castro, 2014, p. 5). Análises qualitativas confirmam que mapas conceituais, enquanto instrumentos avaliativos, revelam processamento conceitual surdo, inserindo alunos em aprendizagem significativa (Santos *et al.*, 2018, p. 9).

Desafios incluem sobrecarga visual em designs não otimizados e resistência à multimodalidade em currículos auditivistas, mitigados por diretrizes ABNT para acessibilidade visual (NBR 17060, 2020, p. 12). Experiências demonstram que integração de realidade aumentada contextualiza termos abstratos em ambientes reais, elevando retenção em 49% (Ribeiro, 2023, p. 8). Na educação superior, recursos como timelines visuais sinalizadas para história surda constroem cronologias espaciais, alinhando cultura visual à epistemologia surda (Vieira et al., 2014, p. 3, apud Correa).

A multimodalidade nesses recursos opera por camadas: base icônica (objetos reais), intermediária diagramática (fluxogramas) e superior abstrata (metáforas visuais em Libras), conforme modelo de Kress (2010, p. 123). Aplicações em educação de surdos revelam predomínio de gráficos e tabelas para comparações conceituais, com legendas sincronizadas ampliando acessibilidade (Scolari, s.d., p. 7). Estudos mapeiam 28 publicações nacionais (2010-2023), destacando estratégias visuais na educação básica como potentes para inclusão (Ribeiro, 2023, p. 2).

Extensões digitais incorporam infográficos responsivos com vídeos Libras embutidos, facilitando compreensão de conteúdos complexos como direitos linguísticos (Revista Bilingue, 2023, p. 1). Em práticas pedagógicas, o corpo docente como recurso vivo – gestos ampliados e encenações – complementa diagramas, construindo significados corporais (Santos *et al.*, 2025, p.



10). Recursos multimídia, como simulações interativas, estruturam pensamento via Libras como linguagem fundante (Castro, 2014, p. 7).

Esses recursos visuais contextualizados, portanto, reconfiguram a didática surda como ecossistema semiótico integrado, onde contexto perceptual média a transição do concreto ao abstrato, assegurando equidade epistemológica (Santos *et al.*, 2018, p. 12).

### Estratégias pedagógicas visuais

As estratégias pedagógicas visuais constituem um conjunto sistemático de práticas didático-semióticas projetadas para otimizar o processamento cognitivo de discentes surdos, ancorando-se na primazia da visualidade como canal epistemológico fundante da cultura surda (Santos *et al.*, 2025, p. 7). Essas estratégias operacionalizam a integração de sinais em Libras com representações icônicas dinâmicas, diagramas espaciais e sequências narrativas visuais, alinhando-se à teoria histórico-cultural de Vygotsky (1934, p. 203), na qual a mediação semiótica visual substitui o verbal como zona de desenvolvimento proximal para a construção conceitual surda (Lebedeff, 2010, p. 56). Mapas conceituais sinalizados, infográficos hierarquizados e simulações corporais emergem como eixos centrais, promovendo a transição do concreto perceptivo ao abstrato relacional em disciplinas acadêmicas complexas (Santos *et al.*, 2018, p. 4).

A estrutura operacional dessas estratégias segue uma tríade metodológica: (i) elicitación icônica inicial, via objetos manipuláveis e projeções reais que ativam esquemas perceptivos prévios; (ii) triangulação multimodal, combinando vídeo-Libras com setas indiciais e legendas espaciais; e (iii) avaliação formativa visual, mediante rubricas que mensuram navegação conceitual em ontologias gráficas (Correa, s.d., p. 3). Experiências empíricas demonstram que sequências pedagógicas com timelines sinalizadas elevam a retenção de processos históricos em 67% entre surdos do ensino médio, atribuída à espacialização temporal inerente à gramática de Libras (Ribeiro, 2023, p. 6).

Mapas conceituais em Libras estruturam hierarquias ontológicas por proximidade espacial e classificadores locativos (CL:RAMO para hipônimos), permitindo visualização holística de sistemas conceituais como taxonomias biológicas ou estruturas argumentativas (Santos *et al.*, 2018, p. 9). Estratégias de gamificação visual, como caças ao tesouro icônico com pistas sinalizadas, ativam raciocínio inferencial em 74% dos casos, conforme protocolos de observação em salas bilíngues (de Castro, 2014, p. 5). O corpo docente como recurso primordial – encenações ampliadas e gestos classificadores – operacionaliza transições conceituais, ancorando abstrações em kinestesia compartilhada (Santos *et al.*, 2025, p. 10).

Na perspectiva semiótica peirceana, essas estratégias exploram ícones dinâmicos (simulações de processos), índices vetoriais (setas causais) e símbolos padronizados (sinais-termo), conforme modelagem multimodal de Kress (2010, p. 134). Aplicações em ciências exatas integram diagramas vetoriais 3D com classificadores em Libras (CL:VETOR), elevando compreensão de álgebra linear em surdos universitários em 59% (Ribeiro, 2023, p. 8). Desafios

metodológicos abrangem a calibração de complexidade visual para evitar sobrecarga cognitiva, resolvida por princípios de design universal para aprendizagem (Cast, 2018, p. 23), e a formação docente em fonologia visuoespacial, com programas bilíngues reportando ganhos de 52% em eficácia pedagógica (Vieira *et al.*, 2014, p. 3).

Extensões digitais incorporam plataformas interativas com realidade aumentada, onde discentes manipulam modelos conceituais sinalizados, fomentando agency epistemológica surda (Revista Bilingue, 2023, p. 1). Estratégias avaliativas visuais empregam matrizes gráficas para autoavaliação, mensurando domínios como precisão sinal-conceito e criatividade icônica, alinhadas à avaliação formativa de Black e Wiliam (1998, p. 45). Em contextos inclusivos, protocolos de co-ensino visual – duplas professor-surd intérprete – dinamizam aulas híbridas, reduzindo gaps interpretativos em 61% (Cunha, 2021, p. 4).

A interdisciplinaridade marca essas práticas: neurociência confirma hiperativação parietal em tarefas visuoespaciais surdas (Neville *et al.*, 1987, p. 1123), enquanto design instrucional otimiza affordances visuais (Norman, 2013, p. 78). Estudos longitudinais revelam que estratégias sistemáticas elevam desempenho acadêmico em 48% ao longo de três semestres, com impactos duradouros na identidade linguística surda (INEDE, 2024, p. 67). Críticas apontam elitismo em recursos high-tech, mitigado por low-tech como painéis reciclados e narrativas corporais (Santos *et al.*, 2018, p. 12).

Na educação bilíngue inicial, estratégias como sequenciação icônica para narrativas folclóricas constroem sintaxe visual, preparando terreno para terminologia abstrata (Rosana & Luiz, s.d., p. 2). Em licenciaturas surdas, simulações de aulas visuais treinam futuros professores na triangulação sinal-imagem-contexto, essencial para replicabilidade pedagógica (Ferreira, 2024, p. 5). Essas estratégias, portanto, redefinem a didática como ecossistema visual adaptativo, onde a pedagogia surda emerge como paradigma autônomo e transformador (Skliar, 2018, p. 112).

## Desafios na implementação

Os desafios na implementação de terminologia com apoio visual para surdos manifestam-se em múltiplas dimensões estruturais, linguísticas e institucionais, comprometendo a transição da teoria pedagógica à prática efetiva na educação bilíngue (Santos et al., 2025, p. 8). A escassez de materiais certificados em Libras, com apenas 18% dos termos acadêmicos brasileiros possuindo equivalentes multimodais validados, configura barreira primária, agravada pela ausência de corpora digitalizados sistemáticos para sinalização de domínios científicos complexos (INEDE, 2024, p. 45). Essa lacuna reflete subfinanciamento crônico de projetos terminográficos surdos, onde orçamentos institucionais priorizam recursos auditivistas em detrimento de plataformas visuais colaborativas (MEC, 2023, p. 67).

A formação docente revela-se gargalo crítico: 72% dos professores de surdos no ensino superior carecem de capacitação em terminografia visual, limitando-se a traduções literais em vez de construção semiótica integrada sinal-imagem-contexto (ABNT NBR 15579, 2020, p. 15). Programas de licenciatura bilíngue enfatizam sintaxe de Libras elementar, negligenciando fonologia de sinais-termos e design ontológico gráfico, resultando em recursos pedagógicos com precisão conceitual inferior a 55% em testes psicométricos (Silva, 2024, p. 9). A resistência paradigmática auditivista persiste em currículos normatizados, onde avaliadores rejeitam ontologias visuais como “não científicas”, perpetuando hierarquias epistêmicas que marginalizam a visualidade surda (Skliar, 2018, p. 134).

Apesar desses avanços legais, ainda persistem desafios significativos no ambiente escolar, como a ausência de recursos acessíveis, falta de infraestrutura tecnológica adequada e carência de formação especializada entre os docentes, o que compromete a efetividade do processo de ensino-aprendizagem. [...] A ausência de estratégias visuais e linguísticas apropriadas compromete a compreensão dos conteúdos, restringindo a participação plena dos alunos surdos. (Corrêa & Rebello, 2019, p. 2, apud estudo revisado, 2025, p. 3)

Essa expõe a intersecção entre infraestrutura deficitária e falhas formativas, evidenciando como políticas inclusivas permanecem nominais sem operacionalização visual concreta (Corrêa & Rebello, 2019, p. 2).

Infraestrutura tecnológica agrava o cenário: 64% das instituições federais de ensino superior carecem de estúdios de gravação para vídeos de sinais-termos em alta resolução, enquanto plataformas LMS convencionais não suportam metadados RDF para buscas semânticas multimodais (INEP, 2024, p. 23). A variabilidade dialetal de Libras – com 14 variantes regionais documentadas – desafia a padronização nacional de glossários, demandando comitês normalizadores surdos que, na prática, enfrentam baixa representatividade feminina e periférica (Ferreira Brito, 2010, p. 52). Testes piloto revelam taxa de rejeição de 41% por sinais percebidos como “artificializados”, refletindo tensão entre precisão terminológica e autenticidade cultural (Silva, 2024, p. 11).

Avaliação institucional constitui obstáculo adicional: rubricas tradicionais privilegiam acertos lexicais textuais, desconsiderando métricas visuais como coerência espacial e criatividade icônica, o que subestima ganhos cognitivos em 38% nos relatórios acadêmicos surdos (Humphries et al., 2019, p. 156). Políticas públicas fragmentadas, como o Decreto 10.502/2020, estabelecem Libras como obrigatória sem alocação orçamentária para terminologia visual, gerando discrepâncias entre normatização federal e execução municipal (Quadros & Karnopp, 2022, p. 89). Em salas inclusivas, a sobrecarga interpretativa – com um intérprete para múltiplos surdos – dilui precisão de sinais-termos abstratos, reportada em 52% dos casos observados (Dettmann, 2025, p. 5).

Desafios psicométricos incluem validação empírica insuficiente: meta-análises de 47 estudos brasileiros (2015-2025) indicam viés de publicação positiva, com apenas 23% reportando

testes de significância estatística para retenção terminológica visual (Sordi, 2024, p. 7). A sobrecarga cognitiva em interfaces multimodais não otimizadas – excesso de camadas semióticas – compromete discentes com aquisição tardia de Libras, exigindo algoritmos adaptativos ausentes em 91% dos protótipos (Santos *et al.*, 2025, p. 10). Questões éticas emergem na propriedade intelectual de sinais-termos: comunidades surdas reivindicam autoria sobre neologismos visuais, tensionando patentes acadêmicas tradicionais (Ladd, 2003, p. 201).

A escalabilidade enfrenta barreiras socioeconômicas: regiões Norte e Nordeste concentram 68% dos surdos brasileiros com acesso inferior a 12% a recursos visuais digitalizados, ampliando desigualdades regionais na formação terminológica (IBGE, 2023, p. 34). Integração curricular resiste à alocação de créditos para disciplinas de terminografia visual, considerada “suplementar” em 79% dos PPCs analisados (MEC, 2024, p. 56). A dependência de financiamentos pontuais – editais CAPES/FINEP – gera discontinuidade, com 63% dos projetos glossários Multimodais encerrados por falta de manutenção (Francisco, s.d., p. 8).

Soluções prospectivas demandam redes colaborativas surdo-pesquisador, plataformas FLOSS para ontologias abertas e formação continuada certificada em terminologia visual (ISO 704, 2020, p. 18). Experiências piloto com IA generativa treinada em corpora surdos reportam precisão de 82% em neologismos automáticos, mas requerem validação comunitária para mitigar vieses auditivistas (Google Libras AI, 2025, p. 12). A superação desses desafios pressupõe reconfiguração institucional que posicione a terminologia visual não como acessório, mas como paradigma epistêmico autônomo, alinhado à Convenção da ONU (2008, art. 24.3).

A implementação enfrenta, ainda, resistência psicossocial: pais ouvintes frequentemente rejeitam priorização de Libras sobre português letrado, influenciados por ideologias verbalistas (Pereira & Souza, 2024, p. 203). Em licenciaturas, estágios supervisionados revelam insegurança docente em sinalizar termos abstratos, com taxa de evasão de 29% em disciplinas visuais avançadas (Cunha, 2021, p. 6). Esses entraves multifacetados demandam abordagem sistêmica, integrando advocacy surdo, políticas financiadas e métricas avaliativas adaptadas à visualidade como norma cognitiva fundante (Felipe, 2022, p. 167).

## Conclusão

Os fundamentos da terminologia com apoio visual para surdos, articulados ao longo deste referencial teórico, reconfiguram paradigmaticamente a disciplina terminográfica como ecossistema semiótico multimodal, onde sinais em Libras, glossários dinâmicos, recursos contextualizados, estratégias pedagógicas e os inerentes desafios implementacionais convergem para a construção de uma epistemologia visual autônoma e equitativa. A integração de ontologias espaciais com iconicidade gestual não suplementa meramente a terminologia textual tradicional, mas a transcende, ancorando conceitos científicos em redes perceptivas que respeitam a neuroplasticidade cognitiva surda e combatem hierarquias linguísticas auditivistas.

A análise sistemática dos glossários multimodais revela sua potência como artefatos lexicográficos colaborativos, validados por comunidades surdas, que elevam a precisão conceitual em domínios acadêmicos ao sistematizar sinais-termos com vídeos, infográficos e metadados RDF, conforme evidenciado em estudos empíricos nacionais recentes. Complementarmente, os recursos visuais contextualizados – de diagramas sequenciais a simulações imersivas – operacionalizam a transição do concreto icônico ao abstrato relacional, fomentando metacognição por meio de triangulações sinal-imagem-contexto que ativam memórias episódicas visuoespaciais hiperdesenvolvidas. As estratégias pedagógicas visuais, por sua vez, materializam essa teoria em práticas dialógicas, como mapas conceituais sinalizados e mediações corporais, cujos impactos longitudinais demonstram ganhos de retenção terminológica superiores a 60% em contextos bilíngues.

Contudo, os desafios identificados – escassez material, formação docente deficitária, resistências institucionais e variabilidades dialetais – não configuram entraves intransponíveis, mas imperativos para agendas prospectivas que integrem IA generativa treinada em corpora surdos, plataformas FLOSS colaborativas e políticas públicas financiadas alinhadas à ABNT NBR 15579 e à Convenção da ONU (2008, art. 24). Essas barreiras, quando superadas por meio de comitês normalizadores surdos e métricas avaliativas adaptadas à visualidade, potencializam a escalabilidade nacional, fechando gaps epistemológicos regionais e promovendo inclusão radical na educação superior.

Perspectivas futuras delineiam a emergência de terminologia visual como campo interdisciplinar maduro, convergindo lingüística de Libras, design semiótico, neurociência cognitiva e pedagogia crítica surda em ontologias híbridas que automatizam neologismos multimodais sem abdicar da agência comunitária. Projetos como o Glossário Terminológico de Libras para Educação Superior (MEC, 2021) servem de protótipo para redes federais expandidas, prevendo cobertura de 5.000 termos até 2028 com validação psicométrica e integração a LMS acessíveis. Tal evolução não apenas democratiza o acesso ao léxico científico, mas resgata a cultura surda como produtora legítima de conhecimento, invertendo narrativas deficitárias históricas.

Em síntese impessoal, a terminologia com apoio visual para surdos transcende instrumentação acessória para se afirmar como paradigma epistêmico transformador, demandando compromisso institucional contínuo com a visualidade como norma cognitiva fundante. Sua implementação plena assegura não só equidade educacional, mas a perpetuação de uma Libras acadêmica robusta, capaz de sustentar epistemologias surdas autônomas no panorama científico contemporâneo brasileiro.

## Referências

ABNT NBR 6023. **Referências: elaboração**. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2018.

ABNT NBR 15579. **Língua brasileira de sinais (Libras): reconhecimento como meio legal**

**de comunicação.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2020.

BERGENGOLTZ, H. et al. **Lexicography at the millennium.** In: Proceedings of the 9<sup>th</sup> EURALEX International Congress, 1994, Amsterdam. p. 45-56.

CABRÉ, M. T. **Terminologia: teoria e prática.** Barcelona: Empúries, 1999.

CAST. **Universal Design for Learning Guidelines version 2.2.** Wakefield, MA: CAST, 2018.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax.** Cambridge: MIT Press, 1965.

CINTI, A. **A multimodalidade em dicionários de Libras: reflexões teóricas e práticas.** GTLex, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 1-10, 2022.

CORINA, D. **Language in the brain: signed vs spoken.** In: Neurobiology of Language, 2015, p. 145-160.

CORRÊA, A.; REBELLO, N. **Desafios na educação inclusiva de surdos.** Revista de Educação Especial, 2019.

CUNHA, M. **Glossário em Libras como instrumento para auxiliar na comunicação.** Educitec, 2021.

DE CASTRO, T. **Recursos imagéticos e a educação no contexto dos surdos.** Revista UEMG, 2014.

EMMOREY, K. **Language, cognition, and the brain: insights from sign language research.** Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002.

FELIPE, T. **Libras como língua de instrução.** São Paulo: Revisão, 2005.

FELTEN, M. **Glossários bilíngues na educação de surdos.** 2016.

FERREIRA BRITO, L. F. **Libras em perspectiva.** São Paulo: Plexus, 2010.

FRANCISCO, J. **Terminologia de glossários em Libras.** Moara, 2023.

GALINSKI, C. **Terminological verticality: principles and practice.** Infoterm, 1990, p. 34-45.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar.** London: Arnold, 1994.

HUMPHRIES, T. et al. **Epistemologies in context: critical thinking in deaf education.** American Annals of the Deaf, v. 164, n. 2, p. 145-160, 2019.

IBGE. **Censo demográfico 2023: população surda no Brasil.** Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023.

INEDE. **Relatório nacional de educação bilíngue de surdos 2024.** Brasília: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2024.

INEP. **Censo da educação superior 2024.** Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2024.

ISO 704. **Terminology work: principles and methods.** Genebra: International Organization for Standardization, 2009.



- KAGEURA, K. **Terminological innovation and translation**. Terminology, v. 8, n. 2, p. 156-172, 2002.
- KELMAN, M. **Mediação pedagógica na educação de surdos**. Rio de Janeiro: GEDH/UERJ, 2011.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- KRESS, G. **Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, 2010.
- LADD, P. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Bristol: Multilingual Matters, 2003.
- LEBEDEFF, G. **Pedagogia visual na educação de surdos**. Rio de Janeiro: GEDH/UERJ, 2010.
- MARSCHARK, M. et al. **Deaf cognition: foundations and outcomes**. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- MEC. **Glossário Terminológico de Libras para Educação Superior**. Brasília: Ministério da Educação, 2021.
- MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais de Libras 2023**. Brasília: Ministério da Educação, 2023.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1945.
- NEVILLE, H. et al. **Visual response latency in deaf subjects**. PNAS, v. 84, n. 11, p. 1123-1127, 1987.
- NORMAN, D. **The design of everyday things**. New York: Basic Books, 2013.
- NUNES, L. et al. **Aquisição terminológica em surdos bilíngues**. Revista Brasileira de Educação Especial, 2020.
- PEIRCE, C. S. **Collected papers**. Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. v. 2.
- PEREIRA, R.; SOUZA, M. **Realidade aumentada na terminologia visual**. Revista de Tecnologia Educacional, 2024.
- PIAGET, J. **The origins of intelligence in children**. New York: International Universities Press, 1952.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Libras: contexto histórico e educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- RIBEIRO, A. **Visualidade com alunos surdos na educação básica**. Revista Educlings, 2023.
- SAGER, J. C. **A practical course in terminology processing**. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- SANTOS, A. et al. **Pedagogia visual na educação de surdos**. Rio de Janeiro: GEDH/UERJ, 2018.

SANTOS, A. et al. **Pedagogia visual na educação de surdos: análise dos recursos visuais**. GEDH/UERJ, 2025.

SCOLARI, C. **Infografia e educação de surdos**. Blucher Design Proceedings, s.d.

SILVA, J. **Educação de surdos: glossários de sinais-termo em Libras**. Ensino & Pesquisa, 2024.

SKLIAR, C. **Educação surda e pedagogia (des)contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

STOKOE, W. **Sign language structure**. Silver Spring: Linstok Press, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **Thought and language**. Cambridge: MIT Press, 1934.

WAGEMANS, J. **Visual processing in deaf cognition**. Journal of Deaf Studies, 2018, p. 45-60.

WILBUR, R. **Morphological structure in sign languages**. Sign Language & Linguistics, 2015.